

O barco segue tranquilo. No co

O GLOBO Domingo, 13/10/85

ECONOMIA • 35

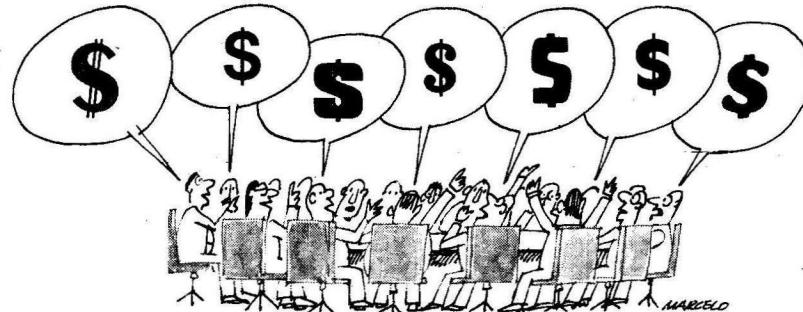
Dívida Externa
031
Reportagem 0268

GILBERTO MENEZES CORTES
Enviado especial

SEUL, Coréia do Sul — Entre mortos e feridos, por enquanto todos estão salvos. Esse é o balanço da 40ª Assembléia Anual do Banco Internacionais para a Reconstrução e o Desenvolvimento (Bird), do Banco Mundial, e do Fundo Monetário Internacional (FMI), que terminou ontem, sem grandes novidades e com a reafirmação dos Estados Unidos como carro chefe da economia mundial. O barco do sistema financeiro internacional — a despeito dos tiros do Peru na água — pode chegar a um porto seguro. Ou a mares mais calmos, com a pericia e a prudência dos navegadores. Os Estados Unidos demonstraram interesse de participar ativamente da solução dos problemas da dívida externa do Terceiro Mundo neste encontro realizado na surpreendente Coreia, país que pode se tornar o novo Japão no fim dos anos 80.

Depois de uma ameaça de rompimento do sistema de financiamento internacional — estabelecida na histórica reunião do BIRD/FMI, em Toronto (Canadá), quando os bancos decidiram suspender o crédito aos países devedores (uma das pouquíssimas exceções foi a Coreia do Sul), no que ficou conhecido como Setembro Negro — os Estados Unidos atenderam aos pedidos de SOS emitidos pelos grandes e médios devedores passageiros. E resolveram recrutar uma força-tarefa, integra-

mando, Estados Unidos



da pelos governos dos países ricos; bancos oficiais e demais organismos mantidos sobretudo pelos países ricos; e os bancos comerciais privados, mediante estímulos dos respectivos bancos centrais, para evitar que o barco fosse a pique com uma carga de US\$ 400 bilhões, fretada (ou despachada) pelos governos e bancos dos países ricos.

Justiça seja feita ao faroleiro Jacques de Larosière, como ele mesmo fez questão de ressaltar, ao se defender de duras críticas nos últimos anos: desde 1982, quando o Fundo amarrou rebocadores ao barco, ele apelou para que os bancos comerciais privados não deixassem o barco à deriva, dependendo apenas dos rebocadores do FMI e do BIRD.

A ponta do iceberg parece ter assustado os Estados Unidos, que, certamente, viram as recentes imagens do Titanic, um imenso barco, no fundo do mar. Quase intacto, mas imprestável; e bolaram um plano de resgate antecipado. A parte o inte-

resse maior pela carga (destinada a reembolsar seus próprios bancos) e pelo eventual embarque de novas mercadorias em seus portos, com financiamentos de seus bancos, todos parecem ter ficado sensibilizados pela operação.

Não se sabe como os rebocadores chegarão ao barco nem que medidas terão de ser tomadas para aliviar lastro. Parece não haver outra saída: todos têm de colaborar, ainda que, individualmente, cada tripulante (país) escolha a melhor maneira de viajar. Desde já, a primeira classe está reservada aos ricos e a tripulação elegerá um comandante: os Estados Unidos. Afinal, cabe a ele a maior responsabilidade para evitar as tormentas e os icebergs.

A ponta visível do iceberg é a crise de pagamentos e a recessão que atingiu os passageiros devedores, em função da queda de suas exportações e do aumento do petróleo e dos juros dos financiamentos que tomaram para manter suas compras, du-

rante a primeira grande crise dos anos 70. Como donos do dinheiro de reserva do mundo e na condição de maiores produtores, compradores e vendedores, os Estados Unidos tiveram responsabilidade por todas as mazelas recentes. Como o protecionismo comercial, a recessão e a alta dos juros — em parte causada pela negativa da Europa e do Japão de gastarem em armas para a defesa do sistema capitalista, despesa que gerou um descompasso fiscal-monetário nos Estados Unidos — os devedores, apenas atores coadjuvantes desta grande peça, acabaram prejudicados porque o ator principal precisou de mais dinheiro para manter seus gastos e a responsabilidade de líder da companhia.

Será que tudo vai mudar para melhor? Nem os principais atores de Seul podem responder com certeza. Abaixo da linha d'água, o iceberg é imenso. Até mesmo os banqueiros estrangeiros de grande porte contados pelos membros da delegação brasileira (governo e banqueiros privados) temem pelo risco de esgarçamento das cordas com que seus rebocadores estão, amarrados ao barco. E, em terra firme (nos empréstimos domésticos), os problemas que os bancos enfrentam com créditos de retornos duvidosos, a agricultura (US\$ 200 bilhões nos EUA) Estados Unidos, e a energia (devido à queda dos preços do petróleo, que quando em alta, tornaria viável projetos hoje discutíveis), podem impedi-los de sair ao mar para salvar sua carga.